

## Quando uma existência se torna estrutura clínica?

Filipe Leitzke Leme

Resumo: É da práxis de uma transferência que se pretende derivar uma elaboração de sua ética como efeito e não causa do discurso analítico. E se esse discurso não fosse semblante? É por aí que seguirá essa investigação: uma ética em sustentar o Real como impossível de nomear sem deixar de apostar na nomeação.

*“Meu pai, por que me abandonastes?”*

(Antígona, 441 A.C)

*“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”*

(Jesus Cristo, 33 D.C - Mt 27, 46)

A partir do lugar de analisando, lugar gerúndio, essa pergunta surge em especulação sobre o lugar do analista autorizado por alguns outros ao ouvir seus sofrimentos circunstancialmente em uma relação transferencial e por Outros. Em retorno a Freud (1914), ele nos alerta que qualquer linha de investigação clínica que reconheça dois fatos - transferência e resistência – e os tome como linha de partida de seu trabalho teria o direito de nomeá-la psicanálise mesmo que com resultados diferentes de sua pesquisa<sup>1</sup>.

No caminhar de sua pesquisa, Freud também vai cernindo qual relação transferencial está em jogo na psicanálise, a transferência tomada a partir daquilo que fora recalcado em um processo de sexuação do ser, onde Lacan avança em seu trabalho elencando o desejo nesse processo primordial como norteador dessa relação transferencial analítica, com suas resistências como indicador de que há nesse *setting* uma relação nomeada transferência. Regido pela lei do segredo por não poder falar de seus casos clínicos enquanto no lugar de mestria, escolhe mitos que representam o desejo envolvido em sua prática como analista<sup>2</sup>.

Com o desejo, advém também o sujeito nessa *práxis*. A relação deste com a realidade produz um questionamento constante sobre o que é “esse jogo de pelotiqueiro ao qual estamos sujeitos, sem conhecer o saltimbanco” (Lacan)<sup>3</sup>. O relato de um sonho que não sucumbiu ao sono (neuroses perversões), como o de um delírio (psicoses) ou ainda o de uma narrativa que se utiliza de uma transliteração nem onírica nem delirante (autismos), evidencia a permanência de uma estrutura que insiste para que esse sujeito possa advir nessa relação transferencial clínica.

E é a partir do privilégio desse lugar da clínica, do desejo de inclinar-se diante do outro, que a interpretação analítica se demonstra simbólica, no sentido estruturado do termo. É também de onde investigamos os efeitos do simbólico no corpo, em sua existência, sexuação e morte, alocando o homem com seu corpo próprio no fim-da-linha do imaginário, em contato íntimo com seu ser<sup>4</sup>.

Após um século da invenção da psicanálise, com o recolhimento dessas ações clínicas e de suas teorizações a posteriori, sequência lógica da construção desse saber no só depois, podemos acolher de maneira mais ampla os discursos nomeados estruturais de nossa época através do dizer além da fala singular manifesta do sujeito.

Foucault em sua “Hermenêutica do Sujeito” aponta o marxismo e a psicanálise como saberes que trazem para cena do mundo contemporâneo uma nova possibilidade do sujeito se haver com sua verdade, algo que a teologia reduziu drasticamente em nosso pacto civilizatório ao fazer metonímia do conhecimento de si em referência ao cuidado de si<sup>5</sup>.

O primeiro por anunciar, naquela época, as consequências desse pacto em torno do capital, sendo abordado por Lacan através do discurso do capital, trazendo como resposta às consequências um socialismo celestial. O segundo saber, de nosso interesse aqui, também reconhece a castração estrutural do capital, já resultado da castração estrutural do ideal de uma civilização, porém deixa em aberto, no um a um, a resposta sobre a constatação de cada ser em suas relações subjetivas com o outro e com seus gozos.

Franco Rotelli diz que, em um espectro de organização social, ocupando um dos extremos uma organização social que tem como centro o bem do consumo como mediador das relações nela vividas, e, no outro extremo, uma organização que tem o Estado como tal mediador, existe uma particularidade que atravessa todo o espectro que é o trabalho de sentir, característica intrínseca dos seres humanos e ausente, tanto no bem de consumo como no Estado. Levando isso em consideração, Saúde Mental seria o conjunto de ferramentas singulares que cada indivíduo adquire ao longo de sua vida para suportá-la<sup>6</sup>.

*“A psicanálise só pode tomar como ponto de partida o sujeito do gozo, como fez a aritmética do sujeito, porque é disso que se trata no sintoma: o gozo. Freud descobre que isso goza sexualmente ali onde isso sofre, onde bloqueia, onde envenena, onde paralisa a existência.”<sup>7</sup>”*

(ALLOUCH, Jean. 2010)

Ao possibilitar que o sujeito possa se implicar com sua verdade e, conseqüentemente, seu gozo, o que fazer? E mais, como reconhecer uma estrutura que sustenta esse sujeito com sua verdade sem cair em uma patologização? Seriam os relatos da experiência humana de nosso tempo estruturas clínicas? E, de novo, o que fazer com isso?

A despeito da narrativa escutada de seu analisando, temos em nossa prática algumas diretrizes gerais: inaugurar para o sujeito uma hiância em que possa falar sem julgamento, trabalhar nessa relação para o próprio desaparecimento do analista ao termo do processo desse cuidado e um compromisso de bem dizer o que dali se pôde extrair para uma teorização.

Ressalto o significante “compromisso”, oriunda do latim “*compromissuum*”, “*compromissus, a, um*”, particípio passado de “*compromittĕr*”, fazer junto a partir de um tempo passado, como aqui também podemos assumir o significante “sentido”, substantivo e particípio passado<sup>8</sup>. Ainda sobre os significantes, atento para o fato que, se foi necessário esse pacto é porque não é lógico que se bem diga o que se escutou, tampouco o que se sentiu, lembrando Picasso que nos atenta ao óbvio – “*o ouvido não tem pálpebras*”.

Dentre existência, sexuação e morte, elenco como o sujeito tem lidado com o verdadeiro de sua finitude em nosso tempo, por uma economia de tempo para esse trabalho, por ora. Lacan, no fim de sua teorização traz a importância de não privilegiarmos uma instância sobre a outra, dimensionando uma Real equivalência na nodulação estrutural subjetiva entre real, simbólico e imaginário. As epígrafes, distantes por 4 séculos uma da outra, também podem ser vistas como um relato daquilo que permanece estruturalmente na linguagem não sucumbindo ao tempo.

Um diálogo com a morte tem ocorrido de maneira distinta atualmente, trazendo a cena analítica um diálogo sobre o direito de morrer. Quando a psicanálise foi inventada na transição dos últimos dois séculos do milênio anterior, o direito de morrer já estava foracluído de nossa cultura pelo menos há 10 séculos segundo Foucault, ao evidenciar que perdemos esse direito desde a era feudal, em seu estudo sobre o biopoder. À família do servo era transmitido até os custos de sua morte, só podendo ser paga com mais servidão. Talvez por isso, o suicídio na teoria psicanalítica foi associado a psicose, quando nessa estrutura se diz estar foracluído o nome do pai.

Nas epígrafes desse trabalho, vemos um dizer que comparece distante por séculos de suas expressões, podendo aqui também ser tomada como a permanência de uma estrutura. Ambos os personagens estão alienados a esse corpo sabidamente em falecimento, quando, então, os efeitos de uma significação se esvaem. Nesse instante há na voz popular em cada cena um questionamento sobre o lugar dessa metáfora nome do pai nesse fim da linha da experiência de vida<sup>9</sup>.

A perda desses efeitos de uma representação, seja qual for a nodulação possível em seu real, simbólico e imaginário desestrutura em equivalência o sujeito, comparecendo aí onde o isso sofre. Antígona tem uma atitude queixosa, até interpretada por muitos como algum tipo de arrependimento, mas Lacan nos dá uma outra interpretação, a de que isso é o que é, por vezes tem somente uma posição de queixa sobre a queixa. Cristo, em conformidade com aquilo que também o é, pede perdão por aquilo que não se sabe, que culpa!?

Hoje, ao reconhecer a falácia da eternidade e tentativa frustrada de estender a vida através do aparelhamento dela, desde sua infância até o entre duas mortes, a psicanálise reinaugura um lugar onde diálogo com o direito de morrer comparece, tendo ao mínimo dois efeitos rapidamente expostos: uma constatação que a regência do simbólico é a falta e, por equivalência, também se encontram submetidos a ela real e imaginário; outro, é uma derivação daquilo que tinha uma univocidade em não ser falho, o suicídio pode ser um ato falho também.

A incidência de suicídio na população jovem tem aumentado exponencialmente. O acesso à informação sobre os bens de consumo disponíveis que refletem um estilo de vida em seus espelhos pretos, estes sendo um dos principais deles, também os informa o abismo que há entre consumo e a mínima garantia que os direitos humanos deveriam assegurar-lhes. Nesse abismo para grande maioria de nossa população mundial, nem mesmo uma sessão de análise comparece, repetindo o desamparo, abandono e uma falta de atenção. Queixas cada vez mais comuns daqueles que conseguem chegar essa *práxis*.

O suicídio assistido, também chamado de boa morte por alguns, já tem seu consentimento pela lei de alguns estados frente a doenças sem mais possibilidades terapêuticas que visam sanar uma doença, ou restabelecer o mínimo de uma representação de vida subjetiva até então experimentada, também nomeada dignidade, algo também assegurado por um direito do ser humano.

Trouxe para esse trabalho os diálogos com suicídio em momentos distintos de uma existência, mas ambos apontam uma afirmação do desatamento do laço social, seja pela exclusão do humano de seus direitos humanos, dentre eles a vida, ou naqueles incluídos, pela impossibilidade desse social que tudo pode e dá conta não os impedir de morrer.

Qualquer que seja a metáfora que utilizemos para dar conta da morte a fim de possibilitar vida, o adoecimento se integra a experiência humana como uma realidade construída por significados, perdendo esse efeito de significação, ação permanente de produzir significantes e, portanto, a psicanálise no compromisso do bem dizer abre um campo em que alguma coisa precisa retornar para outros com efeito de significação, daí a

ética em sustentar o impossível de nomear sem deixar de apostar na nomeação, por exemplo, de uma estrutura clínica.

Lacan utiliza o diálogo entre Sócrates e Alcebiades para falar do que está em jogo na relação transferencial, o amor. Foucault também utiliza o mesmo diálogo para dizer de uma relação de poder. Amor e poder, amor ou poder, que poder amar seja significativa na psicanálise em sua ética de nomear.

#### Referências Bibliográficas:

1. Freud, Sigmund. Obras Completas, volume 11: totem e tabu, contribuição a história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 258.
2. Lacan, Jacques. Seminário, livro 8: a transferência, 1960-1962. Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rêgo Barros]. – 2º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2010;
3. Lacan, Jacques. Seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956. Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Aluísio Menezes]. – 2º ed. revista – Rio de Janeiro: Zahar, 1988;
4. Almeida, Celso Pereira de. Amor é Tempo, Rio de Janeiro: Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro/ Editora Cia de Freud, 2013; p. 145.
5. Foucault, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France, 1981-1982. Edição estabelecida por Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. – 3º.ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
6. Rotelli, Franco. Che cos'è la salute mentale?. Cooperativa Sociale Lavoratori Uniti Franco Basaglia. Trieste, 2008.
7. Allouch, Jean. O Sexo do Mestre – O Erotismo segundo Lacan. Tradução Procópio de Abreu. – Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2010;
8. Dicionário Cooperativo Houaiss. Disponível em <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-5/html/index.php>. Último acesso 05 de Abril de 2023.
9. Lacan, Jacques. Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960. Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Antônio Quinet]. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1988; p. 319.

